



## O difícil ofício da sensatez. Espaço, retórica e carnavalização em *O alienista* de Machado de Assis.

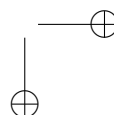
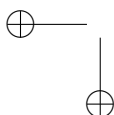
Camilo Fernández Cozman\*

Os limites entre a razão e a loucura costumam ser imprecisos. O caminho que vai da primeira à segunda parece ser ziguezagueante. Os vanguardistas europeus e hispano-americanos entenderam isso perfeitamente. Por isso, alguns surrealistas fizeram exposições com quadros realizados por doentes mentais e se perguntaram depois da Primeira Guerra Mundial: com que autoridade moral se condena o discurso do louco se a racionalidade destrutiva do ser humano trouxe, como seqüela, milhões de mortos?

Tudo parece indicar que um homem sensato tem algo de loucura e um esquizofrênico algo de sensatez: sobre a base de qual critério, então, traçamos uma linha demarcatória entre razão e loucura? Aí está o cerne da questão. A obra mais célebre de Cervantes revela um fidalgo que enlouqueceu por ter devorado os livros de cavalaria que se encontravam em sua biblioteca, mas que se comporta - com rara lucidez - quando aconselha a Sancho Pança que assuma o governo da Ilha de Baratária. Por sua parte, Hamlet (retrato vivo de nossa condição humana) se finge de louco e engana, em suas tramas, Cláudio; além disso, o ato de simular a loucura faz com que algumas expressões sejam verossímeis, pois o leitor supõe que Hamlet fala como se fosse um homem impregnado de

---

\*Universidad Nacional Mayor de San Marcos/Universidad San Ignacio de Loyola.  
Tradução de Luís Augusto Junges Lopes e Ruben Daniel Mendez Castiglioni





insensatez. Arthur Rimbaud aludia à história de uma de suas loucuras em *Uma temporada no inferno* e assim fez uma crítica demolidora de alguns mitos da modernidade: a democracia e a liberdade individual, por exemplo. Herdeiro de Rimbaud, Xavier Abril (poeta vanguardista peruano) sentenciava: “A loucura é minha constante existência. Vivo da minha loucura. A loucura é o meu clima. Por todas as partes eu vou à loucura”<sup>1</sup>. Que esta breve introdução nos sirva para adentrarmos em um cativante relato de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908): “O alienista”. Esse foi “impresso periodicamente na revista *A Estação*, de outubro de 1881 a março de 1882, formando parte da coleção denominada *Papéis avulsos*, publicada em 1882”<sup>2</sup>. Pensamos que para o escritor brasileiro também era uma obsessão o frágil limite que separa a cordura da insensatez<sup>3</sup>. Para abordar tal problemática, torna-se pertinente analisar os vínculos que se tecem entre o espaço, o saber e o poder em “O alienista” para indagar, mais tarde, pelos mecanismos retórico-figurativos que se manifestam tanto no discurso do narrador quanto no do protagonista. Isso permitirá que possamos entrar no terreno da carnavalização como procedimento desmitificador dos ícones da cultura oficial.

## Saber, espaço e poder

*O alienista* relata a configuração de um espaço (a Casa Verde), do qual uma personagem denominada Simão Bacamarte, que ocupa a posição

<sup>1</sup>Xavier Abril. *Difícil trabajo*. Madrid. Ed. Plutarco, 1935, p. 82.

<sup>2</sup>Juracy Assmann Saraiva. “Machado de Assis: diferentes facetas del cuentista”. En: J.M. Machado de Assis. *Papeles sueltos. Antología de cuentos*. Lima, Fondo Editorial UCSS e Embaixada do Brasil em Lima, 2004, p. 10.

<sup>3</sup>Cf. Antonio Carlos Secchin. “Linguagem e loucura em *O Alienista*”. Em: *Santa Barbara Studies*, vol I. California, 1994, pp. 178-183; Roberto Gómez. “O Alienista: loucura, poder e ciência”. Em: *Revista de Sociologia da USP*, vol. 5, Ns. 1-2. São Paulo, novembro de 1994, pp. 145-169; e Carlos Faraco. “Um mundo que se mostra por dentro e se esconde por fora”. Em: Joaquim Maria Machado de Assis. *O alienista*. São Paulo, Editora Ática, 2004, pp. 1-30.





de um sujeito de um suposto saber, exerce o poder identificando os indivíduos que para ele podem ser qualificados como doentes mentais; assim, ele crê que pode reconhecer, com total exatidão, as sinuosas fronteiras que distinguem um homem sensato de um esquizofrênico. Tratemos de caracterizar Simão Bacamarte. O narrador heterodiegético afirma que:

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia. – A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo<sup>4</sup>

Bacamarte concebe que o saber científico pode ser assumido de modo exclusivo e que Itaguaí constitui um universo, ou seja, um espaço próprio a partir do qual pode exercer pleno poder. Trata-se de uma personagem impregnada de um paradoxo: está vinculada à nobreza da terra e à monarquia pré-moderna; mas sua busca de saber revela uma ótica que ressalta uma forte tendência à hiperespecialização do discurso, traço consubstancial à modernidade que traz consigo a divisão dos saberes e o surgimento de especialistas nas diferentes áreas da ciência. Bacamarte “entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas”<sup>5</sup> Em outras palavras, manifesta uma racionalidade positivista: render respeito quase absoluto à ciência significa ter uma fé cega nesta última e considerar que o discurso científico é superior a

<sup>4</sup>Joaquim Maria Machado de Assis. *O alienista*. São Paulo, Editora Ática, 2004, p. 9.

<sup>5</sup>*Ibidem*.





qualquer outro saber como o mito ou a filosofia metafísica. Como assinalou Jürgen Habermas, o positivismo do século XIX teria uma ótica reducionista com relação ao conhecimento. Assim, o conhecimento se reduz ao conhecimento científico e este ao obtido mediante os métodos e procedimentos das ciências naturais, como a experimentação e o mecanismo da indução<sup>6</sup>. Para os positivistas do século XIX, o poeta, o teólogo e o filósofo idealista não produziam, em sentido estrito, conhecimento.

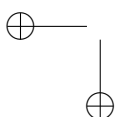
Bacamarte alterna as curas com o ato de ler e demonstra os teoremas a partir do uso de cataplasmas. Desse modo, começa um processo pelo qual se vai distanciando paulatinamente do universo da cotidianidade. Sua dedicação ao ofício da ciência pressupõe ir-se afastando, pouco a pouco, das relações interpessoais. Assume o saber com perseverança, mas esquece da intersubjetividade como princípio mediador para determinar, de alguma forma, a validade do conhecimento.

No entanto, novamente observamos que o comportamento de Bacamarte é sumamente complexo: ele crê firmemente na ciência ao modo positivista; mas também rende tributo a Deus e lhe agradece por Dona Evarista, sua esposa, não ter um rosto privilegiado, “porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte”<sup>7</sup>. O narrador heterodiegético, com uma leve ironia, parece distanciar-se da personagem. Por que a contemplação se opõe à ciência? Pensamos que a atitude contemplativa revela uma dimensão estética do sujeito: perceber, por exemplo, que uma paisagem é metáfora de algo mais profundo significa negar, ainda que seja apenas por um momento, a racionalidade utilitarista; em contrapartida, a ciência, tal como a concebe a personagem, tem predileção pela descrição objetiva do objeto de estudo e, por isso, rechaça toda contemplação desinteressada da beleza.

Influenciado em grande medida pela perspectiva positivista, Bacamarte tem uma fé quase cega no método como caminho que permite assimi-

<sup>6</sup>Cf. Jürgen Habermas. *Conocimiento e interés*. Buenos Aires, Ed. Taurus, 1990.

<sup>7</sup>Joaquim Maria Machado de Assis. *Op. cit.*, p. 9.





lar, com total segurança, o conhecimento. Por isso, submerge-se no estudo e na prática da medicina concentrando-se na patologia cerebral. E constrói a Casa Verde, cuja inauguração foi realizada com grande pompa: o narrador se esforça em ressaltar que as cerimônias duraram sete dias e que foram assistidas por pessoas que vieram do Rio de Janeiro.

Esse processo pressupõe uma determinada organização espacial. A Casa Verde é o centro de Itaguaí – todo o restante irá se convertendo em periferia – e se transformou metaforicamente em um laboratório de um biólogo ou de um físico, que, empregando o método experimental, chegará a uma “verdade absoluta”. Segundo Gaston Bachelard, “(...) a casa é imaginada como um ser vertical. Se eleva. Diferencia-se no sentido de sua verticalidade. É um dos chamamentos à nossa consciência de verticalidade”<sup>8</sup>. Ou seja, a casa oferece ao ser humano uma estabilidade e um refúgio para desafiar as iras e os percalços do mundo exterior<sup>9</sup>. Por isso, ali o homem da ciência pode refugiar-se com sua sede de conhecimento e isolar-se para se consagrar na busca de um novo saber.

O científico, nesse sentido, obtém tal capacidade de convocatória que seu poder é reconhecido pela Câmara de Vereadores. O barbeiro e um grupo de quase trinta pessoas apresentam uma moção para acabar com a Casa Verde. A Câmara a rejeita sob o argumento de que “a ciência não podia ser emendada por votação administrativa, menos ainda por movimentos de rua”<sup>10</sup>; assim, ressalta que o homem de ciência – provido de certa perspectiva metodológica – exime-se de toda responsabilidade social e política. O narrador, por sua vez, se distancia através de uma sutil ironia, do *modus vivendi* de Bacamarte: o momento em que dona Evarista, a esposa, regressa do Rio de Janeiro e põe os olhos em seu esposo, cativo do método científico, é considerado pelos críticos como um dos momentos mais sublimes da história moral

<sup>8</sup>Gaston Bachelard. *La poética del espacio*. México, Fondo de Cultura Económica, 1983, p. 48.

<sup>9</sup>Cf. *Ibidem*, pp. 78-79.

<sup>10</sup>*Ibidem*, p. 27.





da humanidade. Tal alusão evidencia como o narrador faz uso sutilmente da maneira como ficará registrado o mencionado episódio nos arquivos históricos da humanidade.

“Não é a vitória da ciência o que caracteriza o nosso século XIX, mas a vitória do método científico sobre a ciência”, dizia Nietzsche<sup>11</sup>. Tal afirmação, certamente pioneira, pressupõe que a assunção de um método não implica necessariamente que o sujeito cognoscente consiga chegar a um conhecimento válido. Assim, o filósofo de A vontade do poderio desmitificava a idéia de verdade “sacralizada” pelos pensadores de corte positivista.

Mas Bacamarte se move, fundamentalmente, nos prédios de Comte e não nos labirintos de Nietzsche. Para se distanciar, a partir do ponto de vista ideológico de Bacamarte, o narrador emprega uma ampla gama de recursos retórico-figurativos, que são operadores conceituais, pois manifestam uma visão de mundo e permitem, eventualmente, ironizar a conduta da personagem principal. Isso é o testemunho da consciência crítica, tão típico do discurso da modernidade.

## **A metáfora orientacional do ato de submergir-se e o problema do saber**

A figura retórica não constitui um mero ornamento da linguagem nem um simples desvio com relação à norma. Segundo Stefano Arduini, um dos principais representantes da retórica cognitiva, “a figura não comunica algo que está por outra coisa, seu significado próprio, senão que constitui o modo através do qual estamos em condições de representarmos o mundo”<sup>12</sup>. Ou seja, uma metáfora e uma metonímia são

<sup>11</sup>Friedrich Nietzsche. *The Will to Power*. New York, Vintage, 1968, p. 261. Trata-se do aforismo 466 que tanto fascinou a Heidegger. A versão em inglês é: “It is not the victory of science that distinguishes our nineteenth century, but the victory of scientific method over science”.

<sup>12</sup> Stefano Arduini. *Prolegómenos a una teoría general de las figuras*. Murcia, Universidad de Murcia, 2000, p. 157. (George Lakoff, Tomás Albaladejo y Giovanni





universais antropológicos da expressão, pois o ser humano tem a particularidade de se expressar mediante figuras e, desse modo, organiza sua própria faculdade comunicativa<sup>13</sup>; no entanto, o conteúdo da figura retórica varia de cultura para cultura<sup>14</sup>. Uma sinédoque e uma ironia implicam um processo inventivo que instaura o modo como o sujeito percebe o mundo. Se uma pessoa diz com total segurança “Eu sou o rei”, então pensará que todas as pessoas e coisas giram em torno dele; acreditará que os demais são seus súditos e que seu “eu” é o centro do universo.

Como dizem Lakoff e Johnson, a metáfora é “is pervasive in everyday life, not just in language but in thought and action”<sup>15</sup>, porque atribui uma ordem à nossa forma de perceber as relações intersubjetivas, implica processos de pensamentos muito complexos e dirige nossa ação. Se uma pessoa, dotada de um poder aparentemente omnímodo, afirma que há “uma guerra preventiva” e que se deve invadir um povo indefeso, então torna-se evidente que tal metáfora irá dirigir a ação de seus soldados dispostos a cumprir a invasão antes referida.

Toda metáfora oculta e destaca algo. Por exemplo, se alguém diz “o livro é uma jóia”, está enfatizando a enorme sabedoria que a leitura desse volume lhe pode proporcionar; mas, por sua vez, encobre (deixa de lado) a dificuldade que possa trazer a decodificação do mencionado texto. Vale dizer, o falante, ao empregar essa figura retórica, realça o aspecto positivo e evita os negativos: a obscuridade da mensagem, as

---

Bottiroli são outros representantes da retórica cognitiva que surgiu por oposição à retórica estruturalista do Grupo de Lieja).

<sup>13</sup>Ibidem, p.136.

<sup>14</sup>Em outras palavras, a espécie humana se expressa mediante figuras retóricas (eis o lado universal);mas o conteúdo da metonímia ou da metáfora se modifica de cultura para cultura. Por exemplo, um esquimó e um homem andino empregam figuras retóricas porque são seres humanos; contudo, a sinédoque que utiliza o primeiro e a metonímia que emprega o segundo adquirem sentido somente na relação com seu particular contexto cultural: a idéia de cor amarela que tem o esquimó não es a mesma que a do homem andino, etc.

<sup>15</sup>George Lakoff [y]Mark Johnson. *Metaphors We Live By*. Chicago and London, The University of Chicago Press, 2003, p. 3.





limitações do receptor, entre outros aspectos<sup>16</sup>. Segundo Lakoff e Johnson, as metáforas são de três tipos: estruturais, orientacionais e ontológicas<sup>17</sup>. De fato, as primeiras permitem que um conceito esteja estruturado em termos de outro (verbi gratia, “tempo é dinheiro” em expressões como “ganhei muito tempo”, como se isso fosse o salário que uma pessoa recebe mensalmente); as orientacionais – como o próprio nome indica – organizam o espaço levando em consideração as oposições entre acima-abaixo, dentro-fora, adiante-atrás, centro-periferia, entre outras (por exemplo, “me levantou o ânimo”, na qual a esfera do alto se vincula a uma valorização positiva), e as ontológicas possibilitam a visualização de algo não físico em termos de uma entidade ou substância (por exemplo, “a mente é uma máquina”, pois a capacidade racional é concebida como um mecanismo). O narrador, ao dizer que Bacamarte “mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina”<sup>18</sup>, emprega uma metáfora: o verbo “mergulhar” alude a introduzir-se na água (ou em outro líquido) ou entrar nesta até o ponto que o sujeito termine coberto pelo elemento aquoso ou, na língua portuguesa, “fazer penetrar”. A partir do ponto de vista cognitivo, a mencionada figura retórica implica uma ordenação conceitual do mundo. Trata-se de uma metáfora orientacional que realça a oposição entre dentro-fora. O sujeito se encontra fora do saber concebido como um mar ou rio, e logo se submerge no conhecimento e na aplicação deste último. Bachelard<sup>19</sup> estudou, de modo sugestivo, esse tipo de figuras retóricas e chegou à conclusão de que há uma moral da água, pois essa se associa à pureza e à profundidade: “Nessa contemplação em profundidade, o sujeito toma consciência de sua intimidade”<sup>20</sup>. Por sua parte, Mircea Eliade afirma sobre o assunto:

<sup>16</sup>Cf. *Ibidem*, p. 10.

<sup>17</sup>Os exemplos seguintes dos três tipos de metáforas foram tomados do livro *Metaphors We Live By*, de Lakoff y Johnson.

<sup>18</sup>Joaquim Maria Machado de Assis. *Op. cit.*, p. 9.

<sup>19</sup>Cf. Gaston Bachelard. *El agua y los sueños*. México, Fondo de Cultura Económica, 1978.

<sup>20</sup>*Ibidem*, p.83.







Princípio do indiferenciado e do virtual, fundamento de toda manifestação cósmica, receptáculo de todos os germes, as águas simbolizam a substância primordial da qual todas as formas nascem e à qual todas as formas voltam, por regressão ou por cataclisma.<sup>21</sup>

A metáfora orientacional baseada no verbo “mergulhar” enfatiza a busca de uma moral: sumir-se no conhecimento significa purificar-se, pois o saber é assumido por Bacamarte como a atividade mais apreciada do mundo e o princípio que explicita o funcionamento de toda manifestação cósmica. O universo tem sentido para o ser humano se permite a este dedicar-se a uma busca incessante de aperfeiçoamento através da ciência: passar de “fora” para “dentro” é um trânsito que possibilita entrar na casa aquática do conhecimento.

A ciência é a morada de Bacamarte: “A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade (...), é imaginada como um ser concentrado. Nos chama a uma consciência de centralidade”<sup>22</sup> É como se o protagonista entrasse na ciência para adquirir uma estabilidade diante das vicissitudes e dos percalços do mundo externo, e pudesse refugiar ali sua sede de conhecimento. O centro, para Bacamarte, é a dimensão cognitiva: a afetividade, em grande medida, passa a estar na periferia e parecera não ter transcendência alguma.

O que oculta e destaca a mencionada metáfora? O narrador ressalta que o conhecimento, segundo Bacamarte, pode transformar o mundo e que a teoria científica é suscetível de ser aplicada na prática. Além disso, enfatiza que é possível dedicar-se ao saber científico e deixar de lado, de alguma forma, as contradições do mundo externo. Por outro lado, oculta, através do procedimento metafórico, as limitações da ciência para consentir a verdade.

---

<sup>21</sup>Mircea Eliade. *Tratado de la historia de las religiones*. Madrid, Instituto de Estudios Políticos, 1954, p.185.

<sup>22</sup>Gaston Bachelard. *La poética del espacio*. México, Fundo de Cultura Económica, 1983, p. 48.





Nesse sentido, toda figura retórica deve compreender-se com relação a um processo de hierarquização, pois destaca algo do objeto e deixa, com um véu de mistério, outros aspectos que não são considerados, pelo emissor, como dignos de serem ressaltados. Uma sinédoque ou uma metonímia não são simples artifícios, mas se ligam intimamente com certos procedimentos cognitivos, como hierarquizar, classificar, generalizar ou especificar. Por isso, abordar as figuras retóricas significa penetrar no complexo processamento da informação que realiza a mente humana, pois – como ressaltam Lakoff e Johnson – “[o]ur ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature” 23. Ou seja, todo o agir e pensar – como dissemos antes – é produto de certas metáforas que o sujeito assume plenamente como fundamentos de sua própria forma de organizar, a partir de uma ótica cognitiva, o mundo e o universo das relações intersubjetivas.

## **A ironia desmitificadora como figura retórica e a transmissão do saber**

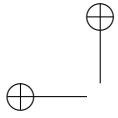
Qual é o sentido que se oculta sob o termo “desmitificação”? Constitui-se de um processo pelo qual um sujeito trata de desacreditar o prestígio que têm certos elementos enraizados na tradição cultural. Baudelaire dessacralizou a racionalidade utilitarista e Paris como metáfora da modernidade. Rimbaud desmitificou a deusa grega da beleza em “Vênus Anadiomena”. Por sua parte, os surrealistas derrubaram a idéia de que a ciência conduzia ao progresso e ao desenvolvimento da humanidade.

Em “O alienista”, afirma-se que Bacamarte construiu a Casa Verde na Rua Nova e recorreu a uma frase do Corão para colocá-la no frontispício do asilo de doentes mentais:

Como fosse grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem. A idéia

*Revista Rhêtorikê # 1*





pareceu-lhe bonita e profunda, e ele a fez gravar no frontispício da casa; mas, como tinha medo ao vigário, e por tabela ao bispo, atribuiu o pensamento a Benedito VIII, merecendo com essa fraude aliás pia, que o padre Lopes lhe contasse, ao almoço, a vida daquele pontífice eminente<sup>23</sup>

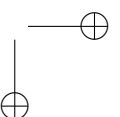
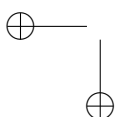
Esse detalhe não deveria passar despercebido a um leitor atento. A Casa Verde funciona como um texto, em cujo frontispício aparecerá uma epígrafe do Corão, atribuída ao papa Benedito VIII. Existem certos indicadores contextuais do funcionamento da ironia textual<sup>24</sup>; o comentário metalingüístico (“é irônico pensar que José havia conhecido sua esposa depois de morta”), o modalizador distanciador (através do uso de aspas: “este homem ‘honesto’ roubou um milhão de dólares”), o modalizador enfático (“obviamente, Pedro dormiu com sua sombra toda a noite”), a expressão contextual contraditória (“ela era bela, mas profundamente feia”), e a inferência ou subentendido do texto em sua totalidade (por exemplo, a ironia que está subjacente em *O Avaro*, de Molière, ou em *Pigmalião*, de Bernard Shaw).

No fragmento de Machado de Assis anteriormente citado, predomina o modalizador enfático como indicador contextual: (“Como fosse grande arabista<sup>25</sup>, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos...”); no entanto, o processo é ainda mais complexo. O narrador deseja desmitificar Benedito VIII através da expressão contextual contraditória (“merecendo com essa fraude aliás pia...”), pois não pode haver uma fraude que seja piedosa ou inspire alguma dose de compaixão. Assim, emprega a ironia para questionar a maneira como Bacamarte concebe, sob os efeitos de uma censura da cultura oficial, a transmissão

<sup>23</sup>Joaquim Maria Machado de Assis. Op. cit., p. 11.

<sup>24</sup>Cf. Catherine Kerbrat-Orecchioni. “L’ironie comme trope”. En: *Poétique*, No. 41. Paris, 1980, pp. 108-127.

<sup>25</sup>A expressão ressaltada em itálico revela a ênfase irônica do narrador ao fato de que Bacamarte possuía um profundo conhecimento da cultura árabe. A ironia está em que alguém conhecedor da cultura árabe não pode atribuir uma citação do Corão a Benedito VIII.



do saber. Como nos referimos anteriormente, não apenas se transmitem as ideologias mas também os saberes. Os textos – ressalta Michel Foucault<sup>26</sup> – são monumentos, porque neles ficou gravada a forma como se transmitiu o saber de geração em geração. Há um conhecimento que foi rejeitado e outro que foi assumido pela coletividade. Em “O alienista”, alude-se que Bacamarte não pode deixar no frontispício da Casa Verde uma citação do Corão, porque a cultura oficial condenaria este fato: o Corão é um livro proibido e não aceito pelo poder hegemônico. Por isso, Bacamarte tem que atribuir a mencionada citação a Benedito VIII. A seqüela não deixa de ter algumas conotações irônicas e até humorísticas: o cura Lopes contará a Bacamarte, como prêmio, a vida daquele insigne pontífice. É como se as hierarquias estivessem se invertendo: incorrer em um engano (oferecer um dado falso e torná-lo público no frontispício da Casa Verde) é um ato que não merece uma sanção, mas, sim, uma recompensa. E essa consiste em que o cura Lopes submerja Bacamarte na biografia de Benedito VIII, ou seja, que o faça partícipe de como a vida de um indivíduo se insere na história coletiva. Influenciado por Vico, Arduini estabeleceu que, de acordo com a neorretórica cognitiva, há seis campos figurativos (metáfora, metonímia, sinédoque, antítese, eclipse e repetição)<sup>27</sup> e que cada figura se situa em um desses. A ironia forma parte do campo figurativo da antítese, porque é uma manifestação ostensiva da oposição como procedimento cognitivo.

Há uma oposição entre o Corão e Benedito VIII que o narrador heterodiegético resolve de modo irônico: uma frase de Maomé é dita por um Papa. É como se o culto a Alá se houvesse transformado, de modo repentino, na fé no Deus cristão. Isso manifesta uma inversão sumamente ilustrativa: pôr no frontispício da Casa Verde uma citação do Corão atribuindo-a a Benedito VIII significa que Bacamarte registra

<sup>26</sup>Cf. Michel Foucault. *L'Ordre du discours*. Paris, Gallimard, 1971, pp. 10-11.

<sup>27</sup>Segundo Stefano Arduini, os campos figurativos são espaços cognitivos nos quais se situam as figuras retóricas e implicam o funcionamento de procedimentos mentais de processamento de informação como definir, classificar, hierarquizar, especificar, entre outros. Cf. *Prolegómenos a una teoría general de las figuras*. Murcia, Universidad de Murcia, 2000, pp. 101-129.



nos arquivos históricos da humanidade um dado tendenciosamente modificado para escapar dos efeitos da imposição do poder hegemônico. Esse último permite a transmissão de um determinado saber aceito pelas classes dominantes e proíbe a propagação de outro saber religioso que remete a uma visão de mundo contraposta à perspectiva cristã. Por isso, pôr um dado da cultura islâmica como se formasse parte da tradição cristã implica tratar de escapar da censura e criar mecanismos alternativos para a transmissão de um saber rejeitado pelo poder hegemônico.

## **A sinédoque e a especialização do saber frente a loucura**

As figuras retóricas não são meros desvios com relação à norma do discurso científico nem implicam um processo de substituição pelo qual um conteúdo figurado está sendo usado ao invés de um sentido literal. Sinédoques, metonímias e metáforas são universais antropológicos da expressão, ou seja, são conceitos que permitem organizar nossa experiência no mundo. Podemos pensar e atuar sobre a base de uma metáfora como “tempo é dinheiro” e acreditar que em nossa vida deve preponderar somente os valores econômicos: então, quiçá o lado espiritual fique à beira do abismo.

Nesse sentido, a sinédoque (que implica a relação todo-parte, gênero-espécie<sup>28</sup>, entre outras) está no cerne de um procedimento típico da ciência: a classificação. Os saberes se classificam e, desse modo, se especializam no âmbito da modernidade. No mundo helênico, um filósofo pode tentar conhecê-lo todo; na era moderna, pelo contrário, estamos, de alguma forma, “amarrados” por certa especialização, seqüela da divisão do trabalho na sociedade capitalista.

---

<sup>28</sup>Por exemplo, na classificação dos animais, realizada pela zoologia, a relação gênero-espécie é imprescindível; na matemática (teoria de conjuntos), também se percebe a relação todo-parte.





Vejam os como funciona a dinâmica gênero-espécie com relação à classificação dos loucos realizada pelo alienista. Em primeiro lugar, há duas classes principais: os furiosos e os mansos. Em seguida, distinguem-se três subclasses no interior dos dois tipos anteriormente mencionados: os monomaníacos, os delirantes e os doentes que sofrem alucinações diversas. Posteriormente, passa-se à análise do comportamento de cada paciente através de uma classificação de seus hábitos, seus gestos e de suas palavras. Depois, diagnostica-se, com precisão, a relação mórbida e se buscam antecedentes na família do enfermo. Nesse último caso, vemos a metonímia como procedimento cognitivo, pois trata-se de estabelecer a relação causa-efeito através da abordagem de um quadro clínico, cuja análise não apenas se baseia nos antecedentes da conduta mórbida na vida do sujeito, mas também tece vínculos entre a mania deste e o histórico familiar. Para Platão, a loucura não era algo vergonhoso, mas uma manifestação do poder divino. Em Fedro ou da beleza, afirma-se que o indivíduo que “ama as coisas belas está louco de amor”<sup>29</sup>. Vejamos o caso da loucura de amor que é concebido por Bacamarte como uma manifestação de delírio:

Os loucos por amor eram três ou quatro, mas só dois espantavam pelo curioso do delírio. O primeiro, um Falcão, rapaz de vinte e cinco anos, supunha-se estrela-d’alva, abria os braços e alargava as pernas, para dar-lhes certa feição de raios, e ficava assim horas esquecidas a perguntar se o sol já tinha saído para ele recolher-se. O outro andava sempre, sempre, sempre, à roda das salas ou do pátio, ao longo dos corredores, à procura do fim do mundo. Era um desgraçado, a quem a mulher deixou por seguir um peralvilho.<sup>30</sup>

A metáfora preside o comportamento de Falcão, que – como resalta o narrador – acreditava que era a estrela-d’alva; seus braços e

<sup>29</sup> Platão. Fedro o de la belleza. Madrid, Ed. Aguilar, 1989, p. 85

<sup>30</sup> Joaquim Maria Machado de Assis. Op. cit., pp. 12-13.





pernas estendidos assemelhavam-se, na imaginação da personagem, a raios persistentes. Esperava que nascesse o sol para começar a retirada. Temos aí como o emparelhamento metafórico<sup>31</sup> “eu sou uma estrela do céu” processa a conduta do sujeito e isso implica uma determinada organização espaço-temporal do mundo. Falcão ocupará, quase imóvel, um espaço durante horas e esperará que saia o sol. O nascimento deste, que tem óbvias conotações no eixo temporal, fará com que Falcão deixe aquela postura e abandone o lugar que anteriormente havia ocupado. O indivíduo assume a posição de um sujeito com um suposto saber, mas parece ter perdido as normas e, por isso, não percebe as proibições. Seu desejo se expressa sem ataduras, mas também completamente desprovido de sensatez e de certos limites racionais. O emparelhamento metafórico anteriormente mencionado se manifesta em metáforas mais específicas: “minhas pernas e braços são raios”, entre outras. Isso é a manifestação de como o sujeito atua de acordo com certas metáforas que condicionam sua forma de ver o mundo. O outro paciente esquizofrênico se dedica a caminhar obsessivamente pelas salas, pelos corredores, pelo pátio, buscando o fim do mundo. O emparelhamento metafórico que preside seu agir pode se expressar assim: “Viver é caminhar sem rumo esperando o fim”. Isso se manifesta em metáforas mais particulares: “a sala e o pátio são caminhos intermináveis”, por exemplo. Como explicamos anteriormente, toda figura retórica mostra e oculta algo. Se viver é sinônimo de andar sem descanso, então a metáfora enfatiza o aspecto dinâmico da vida e cobre com um véu a estática dessa última. Para a personagem, viver não é sinônimo de deter-se, mas de movimentar-se com o fim de aguardar o fim do mundo.

---

<sup>31</sup>Para Lakoff y Johnson, o emparelhamento metafórico é uma megametáfora que se materializa em metáforas mais particulares. Por exemplo, o emparelhamento “tempo é dinheiro” se evidencia nas seguintes metáforas mais específicas: “ganhei tempo”, “poupamos tempo”, etc. Cf. *Metaphors We Live By*. Chicago and London, The University of Chicago Press, 2003, pp. 7-9.





## A etiologia da doença mental

Para abordar esse tema, torna-se pertinente referir-se, embora de modo conciso, a certos traços do contexto cultural do Brasil do século XIX, porque isso permitirá compreender plenamente o conceito de ciência que é usado por Bacamarte e sua articulação a certas correntes do pensamento predominantes no século XIX, fato que possibilitará que as idéias de “O alienista” dialoguem com concepções que se desenvolvem, de forma fecunda, no Brasil durante aquele século.

Como assinalou Valentim Fiacoli, Machado de Assis “procurou compreender e dramatizar a inserção brasileira no mundo moderno, com seus disparates, desconcertos, despropósitos e desvarios”<sup>32</sup>.

Indubitavelmente, na época de Machado de Assis havia uma difusão do positivismo, do darwinismo biológico, de um socialismo de certo modo “utópico” (que projetava reformas morais para que os ricos colaborassem com os pobres), de um historicismo, de um monoteísmo idealista alemão, do republicanismo, de teorias raciais (as quais defendiam a superioridade da raça branca), de teorias materialistas (as quais lutavam contra o Romantismo idealizador de tendência nacionalista), do Naturalismo (com sua estética objetivista) e do Parnasianismo<sup>33</sup>.

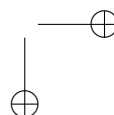
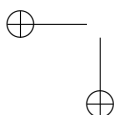
Sabemos que a vida do nosso autor transcorre durante o reinado de D. Pedro II (1840-1889) e no começo da República:

Machado de Assis viveu em pleno período escravista, viu subirem e caírem muitos políticos, viu setores da economia ganharem muito dinheiro e entrarem em decadência (especialmente o comércio de escravos), conviveu com a Guerra do Paraguai (1864-1870) e as insurreições das províncias do Império, a luta contra a escravidão e a Abolição, a chegada da república, seu tumultuado início, a Campanha

---

<sup>32</sup>Valentim Fiacoli. Um defunto estrambótico. Análise e interpretação das Memórias póstumas de Brás Cubas. São Paulo, Nankin Editores, 2002, p. 15.

<sup>33</sup>Ibidem.







de Canudos, a modernização do Rio de Janeiro e a Belle époque carioca.<sup>34</sup>

A visão de Bacamarte sobre a doença mental corresponde às correntes do pensamento: o positivismo e o darwinismo biológico. Toma emprestado de Comte o cientificismo, que estabelece a necessidade de que um estudo rigoroso e objetivo sobre a doença mental tenha que se aproximar do modelo da física como discurso científico, à maneira como a sociologia era concebida – pelo autor de Curso de filosofia positiva – como uma física social. A perspectiva do alienista se nutre do darwinismo porque, de certa maneira, assimila deste a idéia da evolução dos seres vivos a partir da seleção natural, na qual intervêm três fatores: a variação natural, a herança e a luta pela sobrevivência (unicamente se reproduzem os indivíduos melhor dotados).

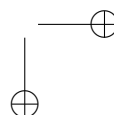
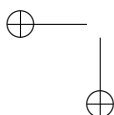
Para Bacamarte, o campo da medicina que se ocupa da patologia cerebral<sup>35</sup> deve ter o rigor da física (tal como era concebida por Comte) e considerar a herança como um princípio fundamental. Bacamarte trata de buscar antecedentes de enfermidade mental na família do paciente e de selecionar os melhores indivíduos racionais que poderiam triunfar na luta pela sobrevivência. Aí há, sem dúvida, alguns ecos da visão de Darwin.

Mas, voltemos ao “O alienista” para nos aprofundar na etiologia da doença mental. Bacamarte se dedica ao estudo profundo da loucura com o fim de estabelecer os diversos graus e suas causas para propor um remédio universal para o dito mal. Assim, pensa que presta um bom serviço à humanidade. Acredita que é o “eleito” para curar a esquizofrenia e que seu nome entrará para os anais da história. Sua visão é quixotesca. O Cavaleiro da Triste Figura enlouquece por ter lido inumeráveis livros de cavalaria e decide brigar pela justiça no mundo, mas

---

<sup>34</sup>Ibidem, pp. 13-14.

<sup>35</sup> Poderíamos dizer, sob a forma de hipótese, que Bacamarte praticaria, hoje em dia, uma espécie de psiquiatria com uma forte base neurológica, mas impregnada, de alguma forma, de elementos conductistas; pois a psicologia, para Watson, devia se basear na observação externa da conduta e nos conceitos de estímulo-reação.



confunde a realidade com a ficção. Por sua vez, Bacamarte se dedica à ciência e chega à conclusão de que “se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades”<sup>36</sup>, ou seja, novamente está confundindo a realidade com a fantasia. A Câmara de Vereadores, inclusive, baixou uma ordem que permitia acolher na Casa Verde as pessoas que estejam em perfeito domínio de suas faculdades de pensar e discernir. Outra vez, os limites entre a verdade e a ficção pareceram apagar-se. O narrador, através do mecanismo sutil da ironia, se burla de todo maniqueísmo e incita o leitor a imaginar que o fictício poderia transformar-se em certeza a partir de certos espaços institucionais, como o da Câmara de Vereadores.

Entre os casos mais representativos estudados pelo alienista, destacam-se a mania de grandeza e a monomania religiosa. Entre os exemplos da primeira, está o filho de um pobre alfaiate que se sentia muito orgulhoso de sua genealogia, cujos ilustres antepassados eram Deus, David, um duque e um marquês. Sem dúvida, o narrador faz uso sutilmente de uma fantasia através da qual o megalômano acredita encontrar em personagens de alta linhagem e posição social uma compensação às limitações do mundo real. Nesse sentido, a ficção criada pelo megalômano funciona como mecanismo de compensação. Trata-se de um “sonho aristocrático”, ou seja, um desejo de ser conde ou marquês com o fim de negar-se a encarar sua crua realidade: ocupa a posição de um sujeito pobre, pois seu pai é um humilde alfaiate, desprovido de boa posição econômica.

Por outro lado, a monomania religiosa tem dois exemplos contundentes: João de Deus, que dizia chamar-se o Deus João, acreditava ser uma divindade e prometia o reino dos céus a quem lhe proferisse alguma adoração; e o licenciado Garcia, mergulhado no silêncio porque “imaginava que no dia em que chegasse a proferir uma só palavra, todas as estrelas se despegariam do céu e abrasariam a terra; tal era o poder que recebera de Deus”<sup>37</sup>. É indiscutível que Bacamarte realiza uma as-

<sup>36</sup>Joaquim Maria Machado de Assis. Op. cit., p. 40.

<sup>37</sup>Ibidem, p. 13.



sociação entre religiosidade exacerbada e loucura. Nomear é classificar e organizar a cultura. Os nomes possibilitam um ordenamento cognitivo do mundo. Por isso, fazer-se chamar Deus João (ao invés de João de Deus) significa aceder a um poder quase omnímoto para decidir o destino dos sujeitos. Trata-se de impor normas e estabelecer proibições com base na possibilidade de enviar às pessoas ao céu ou ao inferno. De acordo com a fantasia esquizofrênica, aqueles que adoram o Deus João irão ao paraíso; em contrapartida, os que se mostram desconhecer a suposta autoridade divina irão ao fogo do inferno de forma inexorável. O caso do licenciado Garcia é extremamente ilustrativo, pois supõe uma espécie de afasia: o silêncio é a única saída. A comunicação conduz ao juízo final: Garcia acredita que, se falar, as estrelas se desprenderão do céu e queimarão a Terra. Aqui, há uma reflexão sobre a dialética entre comunicação e silêncio. No âmbito de uma religiosidade exacerbada, o silêncio parece ser a única saída, pois o intercâmbio de palavras poderia conduzir a um desastre se não se respeitassem os limites necessários. Se no princípio foi o Verbo criador o que deu origem ao mundo (como afirma o primeiro livro da Bíblia), então ao final também poderia aparecer a palavra apocalíptica que anuncie o desaparecimento do universo. Bacamarte continua com suas investigações e chega a descobrir uma nova teoria. Para explicá-la ao boticário, emprega uma metáfora orientacional: “A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente”<sup>38</sup>. De fato, o emparelhamento metafórico “a loucura é um continente” implica uma determinada organização espacial de natureza cognitiva. Aqui, observamos que a doença mental é vista como um vasto espaço. Nesse sentido, aparece outra metáfora mais específica: “cada doente mental é um país com sua história, sua origem e características geográficas”. Por isso, o cérebro de cada louco é concebido, de modo figurado, como o governo de cada país: “No conceito dele (de Bacamarte), a insânia abrangia uma vasta superfície de cérebros”<sup>39</sup>. E

---

<sup>38</sup>Ibidem, p. 17.

<sup>39</sup>Ibidem.





a esquizofrenia se estende, como uma praga, por todos os governos do mundo. No comportamento de Sócrates e Pascal, segundo o alienista, manifestam-se a insensatez e o delírio. A conduta das pessoas célebres revela profundos distúrbios mentais. Ou seja, a sabedoria dos dois filósofos anteriormente mencionados é um testemunho contundente de loucura. Há, aparentemente, uma inversão de hierarquias. O narrador, por sua parte, joga com as oposições e as relativiza: a filosofia e a esquizofrenia são irmãs que se complementam entre si. A tradição cultural valorizou os aportes de Pascal e Sócrates; mas, ironicamente, ambos os pensadores terminam, na opinião de Bacamarte, muito perto dos limites da esquizofrenia.

As investigações do alienista seguem avançando e chegam à seguinte conclusão: “Tudo era loucura”<sup>40</sup>. Aqui, os limites se apagaram e, em consequência, o mundo é concebido como se fosse um lugar de doentes mentais. Por isso, a esposa de Bacamarte é recolhida na Casa Verde. Se há mais loucos soltos que internados, então o leitor poderá chegar a acreditar que o próprio ofício de fazer literatura pode evocar alguns mecanismos de esquizofrenia, pois – como veremos mais adiante – um louco pronuncia certo discurso cheio de metáforas e antíteses. E a literatura costuma ser uma prática na qual o emissor emprega, com inusitada frequência, mecanismos figurativos com o fim de persuadir o leitor ou de incentivar a sua capacidade crítica. O narrador irônico parece enganar-se a si próprio. Se tudo é esquizofrenia, por que a tarefa de fazer ficção não pode ser considerada um sintoma de insensatez?

## Retórica e loucura

Como se associam esses dois termos aparentemente irreconciliáveis? A Retórica é um saber que veio à luz no século V antes da nossa era, teve uma origem judicial e constituía a arte da persuasão e o estudo dos

---

<sup>40</sup>Ibidem, p. 38.





mecanismos pelos quais um orador podia convencer a sua platéia. Aristóteles acreditava em uma Retórica filosófica, baseada nos entimemas, no uso rigoroso das provas e na abordagem da dispositio, da elocutio e da inventio. No entanto, a dimensão totalizante da Retórica aristotélica foi se perdendo com o tempo. Então, preponderou um enfoque restrito: a Retórica, por tanto saber, se concentrou somente na elocutio, depois esta se reduziu ao estudo das figuras à margem dos processos de pensamento, em seguida se restringiu aos tropos (figuras semânticas) e, por último, Roman Jakobson falou somente de duas classes de tropos: a metáfora e a metonímia.<sup>41</sup> Em “O alienista”, a Retórica como arte da persuasão cumpre um papel fundamental:

O padre Lopes confessou que não imaginara a existência de tantos doidos no mundo, e menos ainda o inexplicável de alguns casos. Um, por exemplo, um rapaz bronco e vilão, que todos os dias, depois do almoço, fazia regularmente um discurso acadêmico, ornado de tropos, de antíteses, de apóstrofes, com seus recamos de grego e latim, e suas borlas de Cícero, Apuleio e Tertuliano.<sup>42</sup>

O narrador, nesse caso, ironiza o discurso acadêmico (cheio de ornamentos verbais) e que é visto, tradicionalmente, como um texto de alta coerência, revelador da cultura do emissor (ser humano culto que bebeu na fonte de grandes mestres da cultura universal). De fato, para o narrador, um louco pode inserir-se na discussão acadêmica através do vasto emprego de tropos, de antíteses e apóstrofes.

Assim, Machado de Assis faz uso do saber oficial de seu tempo, pois ressalta que o orador que transmite seu saber em espaços institucionais compartilha muitas características com o doente mental. Esse se

<sup>41</sup>Cf. Paul Ricoeur. *La metáfora viva*. Buenos Aires, Ediciones Megápolis, 1977. A neoretórica cognitiva de George Lakoff, Mark Johnson, Stefano Arduini, Tomás Albaladejo e Giovanni Bottiroli tenta recuperar a dimensão totalizante da Retórica aristotélica através do estudo rigoroso da dispositio, da elocutio e da inventio. Assim, supera o enfoque restringido e estruturalista do Grupo de Lieja.

<sup>42</sup>Joaquim Maria Machado de Assis. *Op. cit.*, p. 12.



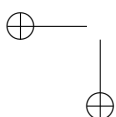


apóia, de modo “erudito”, em Cícero, Apuleio e Tertuliano; além disso, emprega o grego e o latim como códigos que possibilitam se inserir em uma tradição marcada pelo emprego da oratória tanto no plano judicial como no político.

O narrador vê, com olhos irônicos, como um louco pode imitar um orador acadêmico: as fronteiras estão desaparecendo e o doente mental assemelha-se a um sábio que utiliza, de maneira atinada, a linguagem como instrumento de comunicação.

Para Machado de Assis, a loucura e a erudição têm inúmeros pontos em comum: uso da linguagem com fins persuasivos, conhecimento da tradição greco-latina e emprego de figuras retóricas. Desse modo, ele considera que o louco – como se fosse um sábio – também pode transmitir conhecimento e convencer os receptores através do ornato verbal. A função conativa da linguagem se cumpre plenamente nos dois casos: os ouvintes serão incitados a agir, pois as figuras retóricas possuem uma dimensão pragmática ao provocar uma determinada conduta no receptor.

Entretanto, há outro caso sumamente ilustrativo da presença da dimensão retórica da linguagem. O barbeiro Porfírio, farto de como o alienista recolhia qualquer pessoa suspeita de loucura na Casa Verde, decidiu pedir à Câmara de Vereadores que Bacamarte fosse preso e deportado. Utilizou a expressão “Bastilha da razão humana” para se referir à Casa Verde. Essa metáfora produz um efeito visível em um dos conselheiros municipais que, ante a beleza da mencionada expressão figurada, decide mudar de opinião e apoiar a petição do barbeiro. É indiscutível que nesse caso há uma reflexão sobre o efeito persuasivo do que na Retórica clássica se chamava ornato verbal e a elegância de estilo como fatores que determinam a materialização do efeito persuasivo no receptor. Empregar a figura retórica “Bastilha da razão humana” significa materializar um ato perlocutivo (o que produz um determinado efeito no receptor), com o claro propósito de mudar a conduta do ouvinte. A dimensão pragmática da figura retórica se realiza plenamente, pois o conselheiro muda de ponto de vista ao escutar a metáfora ex-





pressa pelo barbeiro Porfírio.

A petição, apresentada à Câmara de Vereadores, não encontra eco: por isso, o barbeiro decide liderar uma rebelião impulsionada por trezentas pessoas e se aproxima perigosamente da Casa Verde. Trata-se da rebelião dos Canjicas ante o suposto despotismo do alienista. Todos gritam: “Abaixo a Casa Verde”<sup>43</sup>. Entretanto, Bacamarte se aproxima, com a mais absoluta seriedade e energia, ao balcão frontal e pronuncia o seguinte discurso:

Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas, se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós em comissão dos outros a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos nem a rebeldes.<sup>44</sup>

A Retórica clássica nos ensina que, para cumprir com o efeito persuasivo, o orador deve ter certos valores: mostrar, diante da platéia, segurança, energia e moderação. Bacamarte possui essas virtudes e sustenta sua opinião ressaltando que os rebeldes não abordam a ciência com seriedade. Nesse sentido, está desacreditando seus opositores ao enfatizar que eles desconhecem as características fundamentais do discurso científico. Em seguida, afirma que presta conta de seus atos apenas aos mestres e a Deus. Nesse caso, observamos que o princípio de autoridade, para o alienista, está regido pelos especialistas na matéria e pela divindade.

Imediatamente, o alienista faz um exercício do que na Retórica clássica se denomina o tópico da “falsa modéstia”: abre a possibilidade de que se poderia encontrar erros na administração da Casa Verde e

<sup>43</sup>Joaquim Machado de Assis. Op. cit., p. 30.

<sup>44</sup>Ibidem.





dá a impressão, diante da conspiração, de que está disposto a escutar a opinião alheia. No entanto, também enfatiza que a razão de ser da Casa Verde não está em discussão. No final, de modo sutil, sugere que, diante de leigos e rebeldes, não se pode chegar a nenhum consenso. Segundo Bacamarte, não se pode explicar a pessoas insensatas e amotinadas a racionalidade da organização da Casa Verde. Assim, descredita os propósitos da rebelião liderada pelo barbeiro e produz uma divisão entre os rebeldes. A multidão, surpreendida ante o conciso mas persuasivo discurso do alienista, decide recuar e desistir. Poucos são os que desejam, juntamente com o barbeiro, demolir a Casa Verde.

Obviamente, aqui há uma reflexão profunda sobre o poder persuasivo do discurso do orador em uma multidão em fúria. O discurso oral (manifestação do gênero deliberativo<sup>45</sup> nesse caso) pode convencer a platéia através do emprego do ornato verbal, de tópicos como o da “falsa modéstia”, e desacreditando a opinião do adversário. Assim, materializa-se plenamente o efeito dissuasivo: os rebeldes, em grande medida, desistirão de sua tentativa de demolir a Casa Verde.

## A carnavalização

Mijaíl Bajtín desenvolveu a idéia de que a loucura é um dos temas prediletos da cultura popular. Para o romântico, a loucura tem um lado certamente sombrio; em contrapartida, para a cultura popular, “é uma paródia feliz do espírito oficial, da seriedade unilateral e da ‘verdade’ oficial”<sup>46</sup>. Há uma antinomia ostensiva: Bécquer acreditava que o delírio se associava com a insensatez e isso configurava um cenário tenebroso; pelo contrário, para o homem do povo, a loucura é um tema que se permite enfrentar diante do saber hegemônico através da paródia dessacralizadora.

<sup>45</sup>Aristóteles distinguia três gêneros: o deliberativo, o judicial e o epidíctico. Cf. Retórica. Madrid, Gredos, 1990.

<sup>46</sup>Mijaíl Bajtín. La cultura popular en la Edad Media y en el Renacimiento. El contexto de François Rabelais. Madrid, Alianza Editorial, 1988, p. 41.







Vimos que a Casa Verde constitui um espaço a partir do qual se exerce o poder e que o alienista emprega a linguagem a partir de um ponto de vista retórico com o claro propósito de persuadir sua platéia. A genialidade de Machado de Assis, contudo, está em um elemento que deve ser ressaltado: o emprego da carnavalização como recurso desmitificador do saber oficial e hegemônico.

As coisas estão “ao avesso” em Itaguaí. Pascal, Sócrates e outras personagens como Maomé são considerados loucos. O primeiro pensava que o abismo estava à sua esquerda; o segundo acreditava que tinha um demônio familiar. Por sua parte, os loucos utilizam a linguagem acadêmica com propriedade e ornato, realçando o uso de tropos, antíteses e apóstrofes.

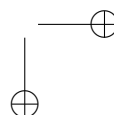
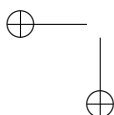
No Capítulo XI, afirma-se que “se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades”<sup>47</sup>, ou seja, a loucura é digna de exemplo e testemunho de indiscutível normalidade. Além disso, alguns loucos têm profundas qualidades morais, como a modéstia, a sagacidade, a magnanimidade, a tolerância e a lealdade. Por isso, são considerados personagens cujo agir deveria ser imitado pelos demais. Cada alienado forma parte de uma galeria na Casa Verde. Há a dos leais, a dos modestos, entre outras.

A loucura, inclusive, chega à Câmara de Vereadores, a qual autoriza “o alienista a agasalhar na Casa Verde as pessoas que se achassem no gozo do perfeito equilíbrio das faculdades mentais”. Em outras palavras, o sensato vai à Casa Verde e os loucos são liberados repentinamente. Novamente, a idéia de que as coisas estão “ao avesso” predomina de modo irrefutável.

Nesse sentido, Bacamarte acreditava que a beleza moral ou mental, evidenciada na perfeição de alguma virtude, era sintoma de loucura. Se a qualidade predominante resistia à terapêutica empregada pelo alienista, então este optava por uma estratégia militar: tomar a fortaleza de assalto e, assim, tratar de “curar” quem tinha uma determinada perfeição. Ao final da obra, o alienista se converte em um alienado, pois decide

---

<sup>47</sup>Joaquim Maria Machado de Assis. Op. cit., p. 40.



internar-se livremente na Casa Verde. Em suma, pensa que possui virtudes como a sagacidade, a tolerância e a paciência. Tais particularidades são consideradas “anormais”, razão pela qual Bacamarte se interna na Casa Verde para “curar-se”.

Em “O alienista”, observa-se, além disso, o que Bajtin chamava de permutação do alto e do baixo. No início da obra, a razão está na esfera do alto, mas depois – à medida que avança a narrativa – passa a estar no âmbito do baixo e deixa que a loucura ocupe a esfera do alto. Há outra mudança sumamente ilustrativa: a da frente e de trás. A frase do Corão deveria estar à frente (no frontispício) da Casa Verde; entretanto, se produz uma mutação: a paródia da carnavalização faz com que tal frase apareça na frente, mas atribuída ao papa Benedito VIII; a consequência é que o Corão como livro sagrado fica ao contrário (ou seja, oculto), porque o discurso do poder impede a propagação do sagrado texto do islamismo. Bacamarte teme o vigário e o bispo, pois estes encarnam a imposição de um saber hegemônico.

Outra particularidade da carnavalização é que “(o) corpo e a vida corporal adquirem, por sua vez, um caráter cósmico e universal”<sup>48</sup>. O cura Lopes disse à Dona Evarista (esposa de Bacamarte) que seu marido, por estudar muito, poderia ser vítima da loucura. A saída que Evarista imagina é pantagruélica: ir ao Rio de Janeiro com seu marido e “comer tudo o que a ele lhe parecesse adequado a certo fim”<sup>49</sup>. Aqui, um exagero muito típico: alude-se sutilmente ao princípio corporal e material que se materializa na dinâmica da festa, “do banquete da alegria, da ‘boa’ comida. Esse traço subsiste consideravelmente na literatura e na arte do Renascimento e, sobretudo, em Rabelais”<sup>50</sup>.

Para Evarista, o ato de comer de modo abundante constitui uma saída. Ela imagina um banquete no Rio de Janeiro que será servido para que Bacamarte se afaste do estudo obsessivo, o qual poderá levá-lo aos confins incertos da loucura. Mas quais são os traços precisos que diferen-

<sup>48</sup> Mijail Bajtin. Op. cit., p. 24.

<sup>49</sup> Joaquim Maria Machado de Assis. Op. cit., p. 10.

<sup>50</sup> Mijail Bajtin. Op. cit., p. 24.



ciam um louco de um homem sensato e com sindérese? A resposta ainda é uma incógnita.

## **Os difíceis limites entre a razão e a loucura**

O tema da loucura permeia outros relatos de Machado de Assis. Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*<sup>51</sup>, o narrador autodiegético se transforma em um barbeiro chinês, em seguida na *Summa Theologica*, de São Tomás e, finalmente volta a tomar forma humana; entretanto, um hipopótamo o leva à origem dos séculos e o faz passar pelo Éden e pela tenda de Abraão. Ao final, o hipopótamo se transforma subitamente em um gato chamado “Sultão”. Trata-se do delírio desse defunto estrambótico<sup>52</sup>, que margeia os limites entre a razão e a loucura. Parece sugerir que a pessoa desprovida de sensatez possui uma grande capacidade de imaginar novos universos e tem uma profícua imaginação. Isso é relatado com ironia e humor: o delírio não provoca temor no narrador autodiegético, mas possui um certo caráter festivo. A alucinação de Brás Cubas é testemunho indiscutível de que, se deliramos, podemos alcançar o ponto mais alto da criatividade e da imaginação.

Vimos que a Casa Verde é um espaço a partir do qual Bacamarte exerce o poder e que há figuras retóricas que inundam o discurso do narrador heterodiegético e da personagem em “O alienista”. Da mesma forma, observamos como o emprego do ornato verbal e do tópico da “falsa modéstia” são recursos retóricos para persuadir a platéia. Analisamos os profundos vínculos que existem entre um homem acadêmico e um louco, pois este (segundo Machado de Assis) pode empregar com propriedade a linguagem e usar as antíteses e apóstrofes como os grandes mestres da literatura universal. Ao final, questionamos o processo de carnavalização que se manifesta na obra: tudo está “ao avesso”. Ou

<sup>51</sup>Joaquim Maria Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Buenos Aires, Ediciones de la Flor, 2003.

<sup>52</sup>Cf. Valentim Facioli. *Um defunto estrambótico. Análise e interpretação das Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo, Nankin Editorial, 2002.





seja, há uma inversão de valores que é vista de maneira irônica. A loucura passa a estar no âmbito do alto. Além disso, a pessoa que tem valores morais é, paradoxalmente, concebida como alguém desprovido de sensatez.

Trata-se da paródia carnalizadora que inverte os valores de modo sutil, como a de Cervantes, para quem Sancho Pança (ao final da obra) se converte em um idealista e Dom Quixote, em um materialista. Os moinhos são gigantes (processo de inversão de hierarquias a partir de uma ótica cognitiva); o Cavaleiro da Triste Figura é armado cavaleiro de maneira sarcástica e não através de uma cerimônia solene; Aldonza Lorenzo não é cortesã, mas uma simples camponesa. No final, a genial paródia dos romances de cavalaria que realiza Cervantes ficará como um cativante retrato de nossa frágil condição humana. O fantasma de Machado de Assis nos visita e convoca. Um escritor genial não está enterrado em um museu, mas é um tenaz acompanhante em nosso andar cotidiano. Faz com que enxergamos o lado obscuro e irônico de nossa vida. De repente, o ato de escrever pode estar também entre a insensatez e a razão. Caminhamos sem saber que na senda da loucura há valores que a nossa racionalidade tecnológica deixa de lado de modo inexplicável. Quiçá se nos aproximamos do discurso do louco como um ser marginal, possamos chegar, finalmente, com nitidez, a desvelar a autêntica essência de nosso ser.

